

FEBRE

O fim de mim, o começo de nós

asud.net/ @a.sud_

Enquanto o mundo parece preso à lógica do colapso, ativismos performáticos ocupam ruas, manifestações, blocos de carnaval e assembleias interespecies. São ações que fazem da luta uma celebração coletiva, com espaços férteis para as ideias de quem acredita que manter o clima começa por mudar a cultura.

Nesta entrevista, conversamos com Valerio Gatto Bonanni e outros representantes do **A SUD**, organização ambiental independente que, em parceria com outras iniciativas, realiza anualmente, em Roma (Itália), a Climate Pride (Parada do Orgulho Climático) – marcha para exigir justiça climática e ações de proteção ao meio ambiente.

FEBRE: Um ativismo criativo muda a forma como a mídia e o público enxergam o movimento?

A SUD: Estar na imprensa ajuda a mudar a narrativa vigente. Porque, em geral, quando se fala em clima na mídia, tudo parece muito doloroso. As pessoas estão lamentando, tudo parece estar queimando. A gente quis mostrar que pode ser mais do que isso, que pode ser encontro, criação, alegria. E, sim, é também um reconhecimento do trabalho artístico. Porque aquilo foi arte, não só mobilização.



Quando
somos
crianças,
não sonhamos
com o fim do
mundo

A gente sonha
com o que
ainda pode
vir a ser

Climate Pride (Parada do Orgulho Climático) © Lorenzo Boffa
Marcha pelo clima organizada pela A SUD, organização ambiental independente, em Roma, Itália



Entrevista/ A SUD

FEBRE: Como vocês enxergam o papel das novas gerações na transformação dessa consciência?

A SUD: Crianças e adolescentes são capazes de imaginar um futuro sem capitalismo, porque, até certa idade, ainda não sabem o que isso significa. Para eles, todo mundo é igual. Se conseguirmos preservar essa inocência, ou melhor, essa capacidade de sonhar, talvez possamos manter vivo o desejo de um mundo melhor.

FEBRE: E como resistir ao senso comum que faz acreditar que “não há alternativa”?

A SUD: Essa é a grande batalha cultural. Muita gente encara o capitalismo como um destino, como se a desigualdade fosse inevitável. Mas não é. As soluções estão diante de nós, na energia, na alimentação e na convivência. É um questão de imaginação política; por isso a arte, a narrativa e a cultura são tão estratégicas.

FEBRE: Qual o aprendizado até aqui?

A SUD: Estamos em uma era apocalíptica, mas também em um tempo em que muitas mentes estão mudando. O mundo está acelerado, instável, porém, mais aberto para imaginar outros futuros. E se há uma chance, ela começa com essas alianças improváveis entre arte, ciência, ativismo e imaginação.

FEBRE: O que ficou como aprendizado dessa caminhada até aqui?

A SUD: Que estamos em uma era apocalíptica, mas também em um tempo onde muitas mentes estão mudando. O mundo está acelerado, instável, mas também mais aberto para imaginar outros futuros. E se há uma chance, ela começa com essas alianças improváveis entre arte, ciência, ativismo e imaginação.



「Muita gente encara o capitalismo como um destino. Mas não é. As soluções estão diante de nós. É uma questão de imaginação política, e por isso a arte, a narrativa e a cultura são tão estratégicas」

Climate Pride (Parada do Orgulho Climático) © Joyel Nelson
Marcha pelo clima organizada pela A SUD, organização ambiental independente, em Roma, Itália



O melhor baile é na Terra

A luta em festa

@bailenaterra

É possível celebrar a vida sem esquecer que ela está em risco? Ao convidar o público a dançar, pensar e agir em defesa dos biomas brasileiros, o **Baile na Terra**, festival multimídia, transformou o evento em ato político, chamando atenção para a urgência de proteger o clima e as florestas.

Desde a primeira edição, o Baile na Terra tem como foco temas centrais à justiça climática. Em 2022, com a temática Todos pela Amazônia, o festival reuniu mais de 20 artistas amazônidas, alertando sobre o risco real de colapso do bioma.

A segunda edição do evento, em 2023, alcançou um público de seis mil pessoas. Artistas da Bahia, Maranhão e São Paulo representaram os *Rios Voadores* – vapores d'água que entram do Oceano Atlântico, atravessam a Amazônia e desaguam no Sudeste do país – numa metáfora da diáspora africana e do nascimento do afroreggae brasileiro, que, assim como os vapores, chegaram pelo leste e se espalharam por todo o país.

Em 2024, diante de dificuldades de captação de recursos, o festival assumiu um formato colaborativo, com oficinas, cinema e um bloco de carnaval na rua. A temática, *Planeta em FEBRE*, colocou no centro do debate o aumento da temperatura global e seus impactos sociais e ambientais.

Mais do que um festival, o Baile na Terra é um movimento artístico-político, que traduz em música o que cientistas vêm alertando: sem frear a destruição das florestas e o uso de combustíveis fósseis, a Terra caminha para desastres irreversíveis. Ao mesmo tempo, o evento aposta na potência da arte para imaginar outros futuros possíveis, quando a alegria e a luta possam caminhar juntas.



Com floresta tem clima
Com clima tem terra

Com
terra
tem
baile

Show de Gaby Amarantos
Baile na Terra 2022



1 32,3°

50,2°

Carnaval pelo clima

asaguasvaorolar.com

Entre 2024 e 2025, mais de 80 blocos paulistanos, em parceria com organizações da sociedade civil, entraram na campanha **As águas vão rolar - antes do carnaval acabar**, destacando a relação entre clima, cultura e direito à cidade. Uma das principais ações foi a apresentação de uma carta à Prefeitura de São Paulo, com demandas por medidas de segurança e ações que possam minimizar os problemas relacionados ao recrudescimento de ondas de calor e chuvas intensas, como distribuição gratuita de água e criação de um Gabinete de Crise Climática. A iniciativa mobilizou a imprensa, que cobrou respostas públicas da Prefeitura.

Fotos térmicas da ação As Águas Vão Rolar, registrando a temperatura da cidade, foram veiculadas em diversas mídias da imprensa. A ação foi inspirada numa campanha do Greenpeace Italia

Mais cores inesperadas no debate climático

Levar a conversa pública sobre clima para o Carnaval e colocar os blocos na rua como porta-vozes dessa pauta deslocou o debate para o campo da cultura e do entretenimento. A ideia era popularizar o conceito de adaptação climática e indicar responsáveis por sua implementação.

LU LACERDA
Por Lu Lacerda
SEGUIR

colunas **Jornalista apaixonada pelo Rio**

Cidade

Mônica Blocos do Rio pedem gabinete de crise climática durante carnaval

Mônica Be

Carta pede medidas adicionais de segurança e ações para minimizar possíveis problemas com os eventos climáticos extremos

CLIMA • MUDANÇA CLIMÁTICA

Blocos enviam carta à Prefeitura de São Paulo pedindo ações contra calor e chuvas no Carnaval

Movimento sugere distribuição gratuita de água e criação de gabinete de crise; SPTuris afirma que já planeja ações



CARNAVAL 2025 EM SÃO PAULO

Blocos de carnaval cobram da Prefeitura de SP gabinete de crise climática e distribuição gratuita de água

Movimento 'As Águas Vão Rolar' enviou uma carta à gestão municipal e à SPTuris com solicitações de medidas preventivas para enfrentar as fortes chuvas e o calor extremo.

Por Redação g1 SP
04/02/2025 05h02 · Atualizado há 6 meses

Blocos de Rio e São Paulo pedem criação de gabinete de crise climática durante o carnaval

Entre os pedidos estão a criação de um gabinete que monitore as condições climáticas, a flexibilização no horário dos desfiles e o adiamento da programação do Carnaval, se a situação for de calamidade

Por Paula Martini, Valor — Rio
27/02/2025 12h02 · Atualizado há 5 meses

Com previsão de altas temperaturas, ondas de calor e falta de chuvas no Carnaval deste ano, blocos do Rio de Janeiro protocolaram uma carta na prefeitura, nesta quinta-feira (27), solicitando medidas de segurança e ações para minimizar possíveis danos com eventos climáticos extremos durante a folia. A principal reivindicação é a criação de um gabinete que monitore em tempo real as condições climáticas e responda rapidamente a emergências durante o Carnaval.

Um documento semelhante foi entregue pelos blocos da capital paulista à Prefeitura de São Paulo, no início de fevereiro. Nas duas capitais, o movimento chamado "As águas vão rolar" reuniu cerca de 100 assinaturas de blocos e organizações da sociedade civil - mais de 80 em São Paulo e 20 no Rio.



Blocos de carnaval pedem distribuição gratuita de água durante o Carnaval de 2025 — Foto: Divulgação/As Águas Vão Rolar

Página inicial > São Paulo

São Paulo SP: sensação térmica chega a quase 60°C perto do Carnaval. Veja fotos

Movimento registrou altas temperaturas em locais onde haverá grande concentração de pessoas nos principais blocos de SP neste Carnaval

Thoma Um grupo de mais de 70 blocos carnavalescos protocolou uma carta à Prefeitura de São Paulo e à SPTuris, empresa municipal de turismo, com recomendações para enfrentar o calor extremo e temporais durante o Carnaval de rua de 2025.

27/02/20

Compar

O documento, enviado na terça-feira (28) pelo movimento As Águas Vão Rolar, pede a criação de um gabinete de crise para monitorar condições climáticas em tempo real e a instalação de pontos de distribuição gratuita de água potável nos locais de concentração dos blocos.

WS Seguir

As Águas Vão Rolar



Foliões ocupam vale do Anhangabaú durante apresentação de bloco de carnaval - Eduardo Knapp/Folhapress

ouvir notícia

agênciaBrasil 35 anos

NOTÍCIAS | CULTURA | DIREITOS HUMANOS | ECONOMIA | EDUCAÇÃO | ESPORTES | GERAL | INTERNACIONAL | JUSTIÇA | MEIO AMBIENTE | POLÍTICA

Blocos se unem por ações preventivas para problemas climáticos em SP

Movimento pede distribuição de água e flexibilidade de horários

veja São Paulo

ELAINE PATRÍCIA CRUZ - REPÓRTER DA AGÊNCIA

Blocos de Rua cobram da Prefeitura de SP distribuição de água e medidas sobre o clima

Movimento "As águas vão rolar" pede medidas preventivas para mitigar os impactos do calor extremo para não afetar a segurança dos foliões

Por Redação VEJA São Paulo
Atualizado em 4 fev 2025, 12h01 · Publicado em 4 fev 2025, 12h03



A crise climática no Carnaval de rua de São Paulo

A carta, assinada por blocos emblemáticos como Ilú Obá De Min, Ritaleena e Navio Pirata, destaca que a situação climática reflete uma realidade alarmante: a crescente frequência de eventos extremos, que têm se tornado cada vez mais comuns no país. De acordo com a Organização Meteorológica Mundial, 2024 foi o ano mais quente já registrado, e as projeções indicam que o cenário não deve melhorar em breve.

Entre as sugestões, a distribuição gratuita de água em áreas de grande aglomeração é uma prioridade. Em pleno calor, garantir o acesso à água potável é uma questão de direito básico, não apenas de conforto. Além disso, é crucial que as bebidas não alcoólicas, como a água, tenham preços acessíveis e que a empresa patrocinadora de 2025, Ambev, atue de maneira responsável.

Os preparativos para o Carnaval de Rua de 2025 devem ser norteados por um compromisso de responsabilidade e cuidado. O legado que buscamos deixar para a cidade é um Carnaval que celebra a vida e a cultura, enquanto respeita e protege o nosso planeta. Em tempos de crise climática, a festa deve ser sustentável e, acima de tudo, segura para todos.



ENSAIO

A crise climática no Carnaval de rua de São Paulo

Leia o artigo na íntegra



O mundo está queimando, mas quem paga por isso?

greenpeace.org/italy/ @greenpeace_ita

Nesta entrevista com Simona Savini e Federico Spadini do **Greenpeace Itália**, exploramos os dilemas e possibilidades do ativismo climático em tempos de medo, retrocesso e novas formas de resistência.

FEBRE: Como as pessoas estão lidando com o colapso climático? Existe consciência do que está em jogo?

Greenpeace: De forma geral, acho que a população italiana compreende bem o que é o colapso climático. A Itália é uma espécie de “zona sensível” no Mediterrâneo, exposta a eventos climáticos extremos com muita frequência. A maioria das pessoas percebe que algo está acontecendo. No entanto, algumas acham que é inevitável, então não se engajam.

FEBRE: Há movimentos sociais tomando a frente dessa luta?

Greenpeace: Sim, iniciativas como a Última Geração – grupo de resistência civil que atua em diversos países pelo preço justo dos alimentos e para proteger as colheitas das catástrofes climáticas. Ele tem atuado com coragem, mas enfrenta um cenário difícil: a pauta climática perdeu centralidade para a maioria dos políticos e há um medo crescente na sociedade: medo da pobreza, do desemprego, de não conseguir pagar a comida ou a moradia. Quando as pessoas têm medo, elas não querem mudar. Isso cria um bloqueio.

A equipe do Greenpeace monitora a temperatura da superfície no centro histórico de Roma, usando uma câmera térmica devido à onda de calor que atingiu o país no início do verão
© Greenpeace

É como se houvesse **uma paralisia diante da dimensão do problema,** tanto para mudar hábitos quanto para pressionar líderes políticos e corporativos



Ativistas do Greenpeace Itália descarregaram uma grande pilha de objetos destruídos pelas recentes enchentes na Emilia-Romagna (Itália) e no estado do Rio Grande do Sul (Brasil) em frente à sede da empresa ENI em Roma, e exibiram a mensagem "Quem quebra, paga". O objetivo do protesto era devolver os objetos pertencentes às vítimas de eventos climáticos extremos aos principais responsáveis por essa devastação, ou seja, empresas de combustíveis fósseis como a italiana ENI, que alimentam a crise climática com seus enormes investimentos em gás e petróleo
© Giuseppe Chiantera

Entrevista/ Greenpeace Itália

FEBRE: Como o Greenpeace está respondendo a esse desafio? Vocês trabalham com a narrativa da esperança?

Greenpeace: Na Itália, ainda não usamos essa narrativa tanto quanto deveríamos. O Greenpeace é mais conhecido por denunciar os “caras maus”, apontar culpados, do que por oferecer soluções. Mas sabemos que precisamos mudar. Estamos tentando, mantendo as denúncias, mas também apresentando alternativas. Um exemplo é a campanha global Stop Drilling, Start Paying, que propõe que grandes corporações arquem com os custos da crise climática, e não as pessoas comuns.

FEBRE: O engajamento da população mudou nos últimos anos?

Greenpeace: Há uma queda perceptível nesse engajamento. Comparadas a cinco ou seis anos atrás, as pessoas estão menos engajadas. Durante a pandemia, houve uma esperança de que o mundo pós-Covid ficaria melhor, com mais justiça social e ambiental. Mas isso não se concretizou. Veio a guerra na Europa, a alta dos preços, e a vida se tornou mais difícil. Quando isso acontece, a tendência é recuar para a esfera privada. A política do medo venceu.

FEBRE: Vocês percebem diferença de engajamento entre gerações?

Greenpeace: Sim, especialmente entre estudantes universitários, que estão bastante ativos e conscientes. Começamos a trabalhar com o conceito de “ecoansiedade” e colaboramos com institutos de pesquisa e associações escolares para entender seus impactos. Há uma geração jovem, com cerca de 20 anos, envolvida com o movimento da Última Geração. Mas também há jovens que, por medo, já se retiraram da ação.



Instalação sobre o impacto climático em Roma, Itália © Greenpeace
O Greenpeace Itália inaugurou no dia 15 de novembro de 2024, em Roma, na Piazza Vittorio Emanuele II, a instalação imersiva “E agora, quem paga?”, concebida e com curadoria do artista Alessandro Calizza. A exposição foi criada com objetos recuperados de áreas recentemente atingidas por eventos climáticos extremos: Traversara, na região de Ravenna, devastada pelas enchentes de setembro de 2024, e o estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, devastado pelas enchentes de abril e maio de 2024. Durante a inauguração da exposição, o Greenpeace apresentou o relatório “Quanto custa a crise climática para a Itália? – Inundações e deslizamentos de terra, dez anos de eventos climáticos extremos”. O relatório ilustra os crescentes custos econômicos da crise climática na Itália, em particular das enchentes e deslizamentos de terra que a afetam, destacando um quadro alarmante para o futuro. Entre os principais resultados, constatou-se que, de 2013 a 2020, as regiões italianas registraram 22,6 bilhões em danos relacionados a deslizamentos de terra e enchentes, com uma média de aproximadamente 2,8 bilhões de euros em danos por ano.



Entrevista/ Greenpeace Itália

FEBRE: Vocês enfrentam repressão institucional em relação ao ativismo?

Greenpeace: Isso não acontece só na Itália. Leis recentes penalizam duramente o ativismo, inclusive com risco de prisão. Há uma tendência na Europa – e no mundo – de criminalizar movimentos sociais. Vemos isso quando a extrema-direita acusa o “lobby verde” de querer que os pobres arquem com a transição climática.

FEBRE: Qual é o principal foco das ações do Greenpeace Itália, hoje?

Greenpeace: Nossa prioridade é a ENI, maior empresa de óleo e gás do país. Eles influenciam profundamente a política energética italiana, muitas vezes mais do que o próprio governo. Por isso, estamos exercendo forte pressão sobre ela. Criamos campanhas criativas, como filtros no Instagram que distorcem seus logos com manchas de óleo, em uma ação simbólica contra sua responsabilidade ambiental.

FEBRE: Essas campanhas estão surtindo efeito?

Greenpeace: Estamos em um processo de litigância climática contra a ENI, junto com a ONG Recommon e 12 cidadãos italianos de regiões afetadas por eventos extremos. Além disso, fazemos ações diretas não violentas. Já enfrentamos processos judiciais, inclusive SLAPPs (ações estratégicas contra participação pública), em que as empresas tentam nos silenciar ou intimidar individualmente os ativistas. Mas sabemos que, se reagem, é porque nossa pressão está surtindo efeito.



Entrevista/ Greenpeace Itália

FEBRE: Vocês têm experimentado novas formas de engajamento?

Greenpeace: Durante a COP29, organizamos em Roma uma instalação artística chamada “E ora chi paga?” (“E agora, quem paga?”). Criamos um *showroom* com objetos do cotidiano inundados, como sofás e cadeiras, e reproduzimos vozes de comunidades atingidas por enchentes, inclusive no Brasil. A mensagem era clara: hoje, quem está pagando pela crise climática são as pessoas, mas os verdadeiros responsáveis seguem impunes.

FEBRE: Na opinião de vocês, que tipo de inovação narrativa ainda precisa ser feita?

Greenpeace: Precisamos conectar o aspecto ambiental ao social de forma mais clara, mostrar que proteger o ambiente e a biodiversidade é também criar uma sociedade mais justa. Ainda não somos bons nisso, talvez porque não somos economistas. Mas temos que aprender.

Febre: Há exemplos recentes dessa inovação narrativa?

Greenpeace: Estivemos no Fórum Econômico Mundial, em Davos, protestando contra os bilionários e exigindo taxação dos super-ricos como forma de financiar a transição ecológica. Foi uma tentativa de unir a pauta da desigualdade à pauta ambiental. É nessa direção que precisamos seguir.



Instalação imersiva “E agora, quem paga?”, concebida e com curadoria do artista Alessandro Calizza. A exposição foi criada com objetos recuperados de áreas recentemente atingidas por eventos climáticos extremos: Traversara, na região de Ravenna, devastada pelas enchentes de setembro de 2024, e o estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, devastado pelas enchentes de abril e maio de 2024 © Greenpeace

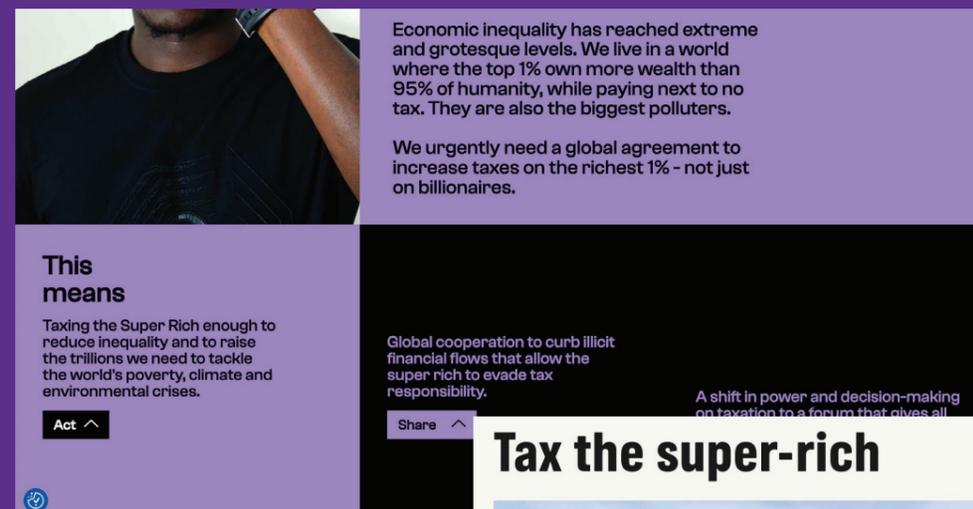
「Justiça climática e justiça social não são coisas separadas
E a esperança precisa nascer dessa união」

Voluntários do Greenpeace Itália prestam ajuda às comunidades afetadas pelas enchentes na Emilia Romagna, Itália © Michele Lapini



Guerra cultural e discursos polarizadores

Na Europa, tem crescido uma narrativa da extrema-direita, segundo a qual a transição climática seria financiada, principalmente, pelas populações mais pobres, enquanto os bilionários e grandes corporações seriam poupados. Esse discurso é parte de uma estratégia mais ampla de “guerra cultural” contra políticas ambientais. A discussão sobre mudanças climáticas nas mídias sociais se tornou altamente polarizada, com a direita usando intensamente narrativas contrárias ao clima para chamar políticos e ativistas de hipócritas ou elitistas – incluindo a acusação de que os ambientalistas seriam contra o crescimento econômico, como é o caso da atual discussão sobre a exploração de petróleo na foz do Amazonas. Para desmontar essas narrativas e apontar para os verdadeiros inimigos do clima, campanhas de taxação sobre os super-ricos têm surgido em todo o mundo.



Economic inequality has reached extreme and grotesque levels. We live in a world where the top 1% own more wealth than 95% of humanity, while paying next to no tax. They are also the biggest polluters.

We urgently need a global agreement to increase taxes on the richest 1% - not just on billionaires.

This means

Taxing the Super Rich enough to reduce inequality and to raise the trillions we need to tackle the world's poverty, climate and environmental crises.

Act ^

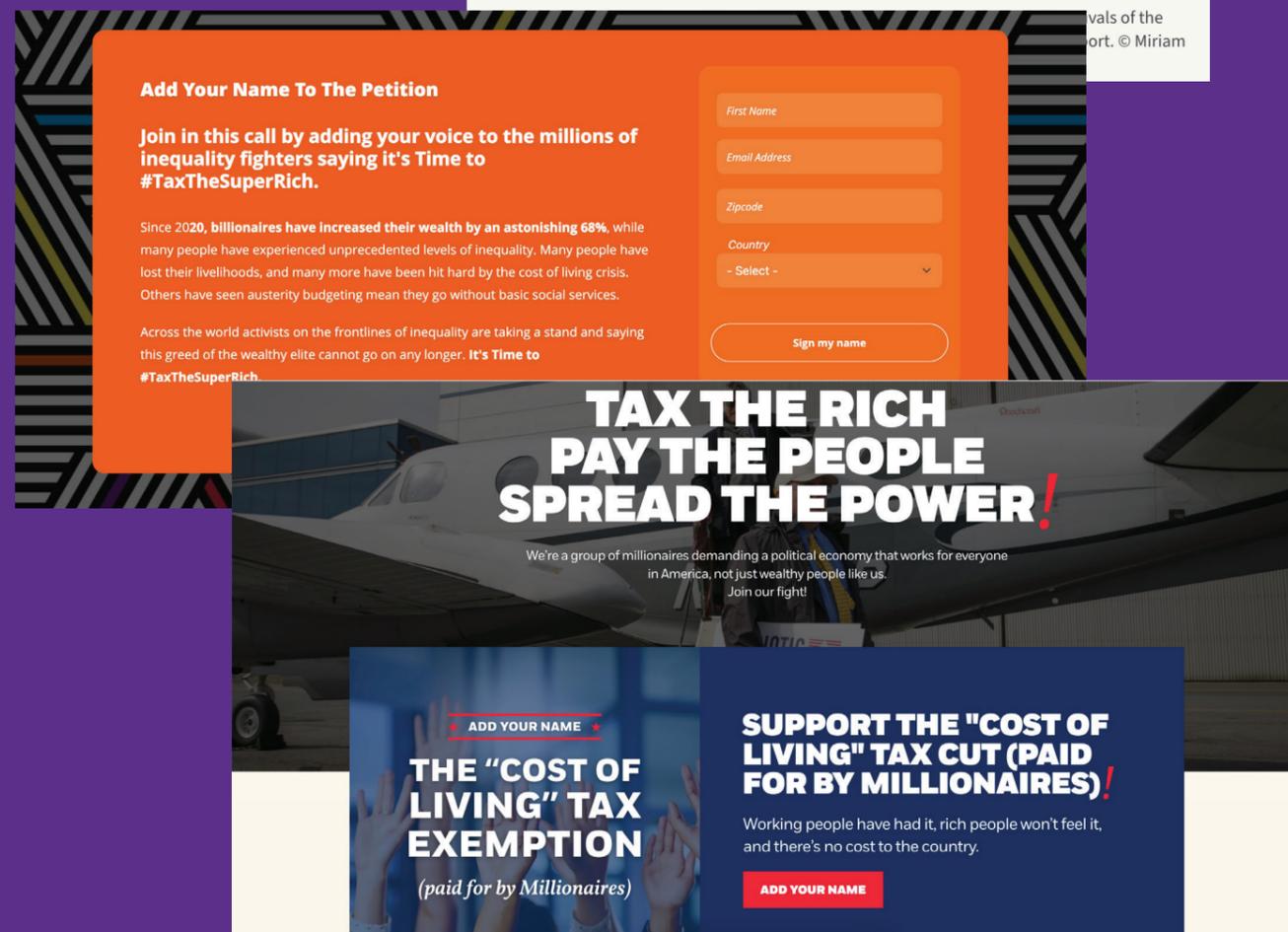
Global cooperation to curb illicit financial flows that allow the super rich to evade tax responsibility.

Share ^

A shift in power and decision-making on taxation to a forum that gives all



vals of the
ort. © Miriam



Add Your Name To The Petition

Join in this call by adding your voice to the millions of inequality fighters saying it's Time to #TaxTheSuperRich.

Since 2020, billionaires have increased their wealth by an astonishing 68%, while many people have experienced unprecedented levels of inequality. Many people have lost their livelihoods, and many more have been hit hard by the cost of living crisis. Others have seen austerity budgeting mean they go without basic social services.

Across the world activists on the frontlines of inequality are taking a stand and saying this greed of the wealthy elite cannot go on any longer. **It's Time to #TaxTheSuperRich.**

First Name

Email Address

Zipcode

Country

Sign my name

**TAX THE RICH
PAY THE PEOPLE
SPREAD THE POWER!**

We're a group of millionaires demanding a political economy that works for everyone in America, not just wealthy people like us.
Join our fight!

THE "COST OF LIVING" TAX EXEMPTION
(paid for by Millionaires)

SUPPORT THE "COST OF LIVING" TAX CUT (PAID FOR BY MILLIONAIRES)!

Working people have had it, rich people won't feel it, and there's no cost to the country.

ADD YOUR NAME



O poder da radicalidade

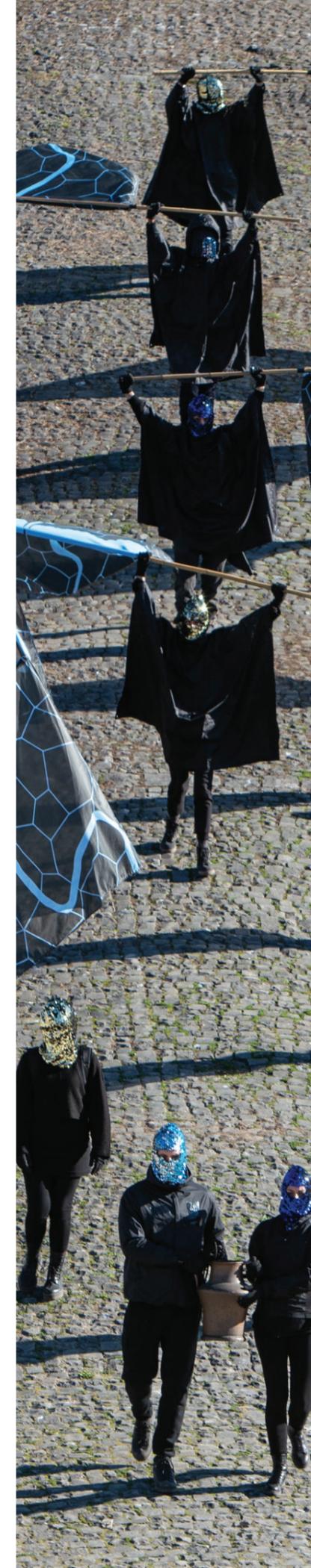
climateartproject.com/ @climate_art_project

Engenheiro ambiental, artista visual e ativista climático, o italiano **Andrea Conte (Andreco)** tem cruzado as fronteiras entre ciência e imaginação para construir uma linguagem própria, poética, precisa e profundamente engajada com o território. Desde 2015, quando fundou o Climate Art Project durante a COP21 e a marcha global pelo clima em Paris, ele cria obras públicas, rituais coletivos, bandeiras e intervenções urbanas que dialogam com ecossistemas, comunidades e movimentos sociais. Seus projetos perpassam a ecologia política e o ativismo simbólico, propondo outras relações com o não humano e redesenhando os vínculos entre arte, ciência e justiça climática. Na entrevista abaixo, ele compartilha seu método, suas referências e o desejo de manter a arte radical.

FEBRE: Você usa uma abordagem muito particular no seu trabalho com rios. De onde vem esse olhar?

Andreco: Minha pesquisa sobre os rios está firmemente enraizada na ciência. Tenho um *background* em gestão sustentável de águas. Portanto, trato os rios e os corpos d'água, primeiro, de uma perspectiva científica e, depois, de uma perspectiva artística. Criei meu próprio método multidisciplinar. Durante o processo de produção, deixo que minha intuição artística me guie, sem restrições.

Displacement Malta, uma performance coletiva sobre a migração climática, dirigido por Andrea Conte (Andreco Studio) com o apoio da Friend of the Earth Malta e da Bienal de Malta



Entrevista/ Andreco

FEBRE: Por que a arte ganhou essa centralidade no seu trabalho?

Andreco: Porque estamos vivendo tempos difíceis com o crescimento do nacionalismo e do conservadorismo em todos os lugares. E é justamente nesse momento que a arte e a cultura precisam falar mais alto. A arte ajuda a quebrar as fronteiras das nações. Estamos vivendo uma questão climática que não é só ambiental, mas social também e totalmente conectado à justiça climática e à migração. E a gente tem que enfrentar esse problema de forma cooperativa, não a partir de uma abordagem nacionalista. A atmosfera é uma só, e tudo nela está interligado.

A necropolítica e o racismo ambiental têm origem nos modelos capitalistas, coloniais e neocoloniais que persistem até hoje e têm efeitos devastadores tanto para os seres humanos como para os não humanos. O genocídio em curso na Palestina é um dos exemplos mais evidentes da necropolítica e da desumanização contemporâneas.

Devemos investir nossas energias em lutas locais e internacionais pela justiça climática e social. Também devemos fazer nossas vozes serem ouvidas por intermédio da cultura. A arte contemporânea pode ser uma ferramenta para imaginar alternativas, um meio de cura e reparação, além de uma forma de defender a justiça. É importante continuar lutando, mesmo quando as condições são adversas.

FEBRE: Como você articula sua trajetória como artista e cientista?



Parada do Rio Tevere
Produzido pela Fondazione Romaeuropa em colaboração com o Teatro dell'Opera de Roma, Accademia Nazionale di Santa Cecilia, Andreco Studio e Climate Art Project/ Festa di Roma 2020

Vamos
manter
radical
Radical
para o
território



Entrevista/ Andreco

Andreco: Sou um artista que estudou ciência e ecologia. Fiz engenharia ambiental e tenho doutorado em soluções baseadas na natureza para a mitigação e adaptação às mudanças climáticas. Há uma longa tradição de artistas interessados em ecologia. Gianfranco Baruchello, Ana Mendieta e Joseph Beuys são referências importantes para mim. Por exemplo, Beuys era um artista socialmente engajado e um dos fundadores do Partido Verde alemão.

FEBRE: Você também tem escrito bastante...

Andreco: Sim, escrevi recentemente sobre isso no manifesto *Arte para ecologias radicais*. É uma tentativa de definir a interseção entre arte e biopolítica, ou arte e ecologia. Nos últimos anos, escrevi capítulos para alguns livros. Um deles é esse manifesto; o outro é *Contra a natureza: política e ecologia, da teoria à prática*. Escrevi um capítulo sobre arte radical e ecológica.

FEBRE: E como você encara a dificuldade de comunicar a mudança climática?

Andreco: As mudanças climáticas são tão difundidas globalmente que é difícil compreendê-las e percebê-las. O filósofo Timothy Morton diz que o aquecimento global é um hiperobjeto, tão amplamente distribuído no tempo e no espaço que é difícil de perceber. E isso é verdade. A mudança climática está diante de nós, mas não conseguimos percebê-la no dia a dia. Existe uma ideia equivocada de que os homens brancos ocidentais estão seguros. Que eles têm os meios para sobreviver; podem escolher os melhores lugares para morar e instalar condicionadores de ar. Mas isso não é verdade. O local onde as pessoas vivem nas cidades faz toda a diferença. As pessoas mais pobres e racializadas vivem em moradias informais, em áreas mais sujeitas a riscos e, frequentemente, a inundações. Enquanto isso, novos condomínios residenciais são construídos nas áreas mais seguras. No entanto, mesmo as pessoas privilegiadas não estão seguras. Ninguém está.



Displacement Malta, uma performance coletiva sobre a migração climática, dirigido por Andrea Conte (Andreco Studio) com o apoio da Friend of the Earth Malta e da Bienal de Malta



Entrevista/ Andreco



FEBRE: Como construir narrativas de esperança ou outras abordagens artísticas diante disso?

Andreco: Os artistas estão tentando mostrar outra relação com o não humano. Esse é um grande tema. Eles defendem uma abordagem ecocêntrica em vez de antropocêntrica. Muitos artistas estão construindo novas narrativas. Uns mais científicos, com dados. Outros mais ritualísticos, simbólicos, baseados em saberes indígenas e comunitários. Alguns seguem rituais; outros, experimentos científicos. Mas todos afirmam que devemos reconstruir nossa relação com o ecossistema. Caso contrário, seremos extintos.

FEBRE: Existe o risco de que esse tipo de arte seja cooptado ou esvaziado?

Andreco: Sim. Quando a arte se torna *mainstream*, corre-se o risco de ser usada para *greenwashing*. Odeio isso. Para evitar que isso aconteça, temos que mantê-la radical. Radicalidade para o território. É fundamental compreender o contexto, as lutas locais e o trabalho que realizado nas comunidades. Isso nos ajudará a evitar uma atitude extrativista em relação à cultura.

FEBRE: Seu trabalho também envolve colaboração com comunidades locais. Como isso funciona?



Clima 05 - Recuperando o Ar e a Água em Delhi/ Lodhi Art Festival 2019/ Projeto Arte, Ciência e Ação Climática de Andreco Studio em colaboração com St+art India Foundation

Entrevista/ Andreco

Andreco: Há dez anos, fui convidado para trabalhar em Paris, durante a COP21. Foi aí que nasceu o Climate Art Project. Combinei minha formação científica com arte e criei um método para trabalhar de forma multidisciplinar e com as comunidades locais.

Desde então, tenho abandonado a retórica catastrófica do tipo “estamos todos morrendo”. Prefiro colaborar com comunidades para compartilhar boas práticas: permacultura, jardinagem, infraestrutura verde, ajuda mútua. Isso se tornou um método. Cada lugar tem suas pessoas, energia, conhecimentos. Eu me adapto. Gosto de aprender com o desconhecido.

A Aula Verde – Sala das Árvores é uma metodologia para reflorestamento urbano com práticas sociais e artísticas e resultado dessa pesquisa.

FEBRE: Você mencionou um projeto sobre rios. Poderia falar mais a respeito?

Andreco: Comecei o projeto Flumen há oito anos. É um jeito de olhar para a cidade e seus problemas a partir da perspectiva do rio. Os rios são fundamentais para a vida, para os ecossistemas, para as cidades. Mas eles estão geralmente poluídos, esquecidos. Considerar o ponto de vista do rio, que é um não humano, ajuda a construir uma forma de vida mais sustentável.

Desde então, venho trabalhando com rios, parques, oceanos e florestas, criando boa parte da minha arte em conexão com esses elementos.

FEBRE: É o caso do Parque Lago Bullicante, em Roma?

Andreco: Sim. É uma luta importante. O parque era propriedade de um empreendedor e especulador. Foi abandonado por anos, até que a comunidade o ocupou após várias manifestações. A municipalidade autorizou que se tornasse um parque público e um Patrimônio Natural, um local preservado. Uma vitória.



É bonito
quando
a ciência
confirma
o que sua
avó já
sabia



Desfile pela paisagem / Performance coletiva para o projeto "Investigação Sobre a Terra Extrema"
Dirigido por Andrea Conte (Andreo Studio) / Produzido por Ramdom, Progetto GAP
© Yacine Benseddik

Entrevista/ Andreco

No entanto, ainda há parte do território que precisa ser transformada. Então, criamos uma bandeira que representa essa luta, representa a topografia da área que queremos que se torne um parque público, acessível a todos. Usamos as bandeiras em manifestações. A arte como uma ferramenta de protesto, e o movimento reconhece cada vez mais o poder da imaginação.

FEBRE: As bandeiras têm uma presença forte no seu trabalho. Por quê?

Andreco: Sim. As *flags* geralmente representam elementos da paisagem. Elas se tornam atributos do território. No último Climate Pride, por exemplo, realizamos um evento de quatro dias com coletivos. Juntos, decidimos que nenhuma bandeira representando grupos, associações, partidos políticos etc. seria permitida, e que apenas nossas bandeiras paisagísticas poderiam ser usadas. Nossas bandeiras defendem os não humanos. Elas celebram rios, montanhas, animais e nossa imaginação..

FEBRE: Você também se conecta com práticas tradicionais, como as agroflorestas. Como isso entra no seu processo?

Andreco: Após muitos anos de pesquisa científica sobre o uso da terra, o IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas) afirmou, no *Relatório sobre o Uso da Terra*, que a melhor prática é a agrofloresta. No entanto, os povos indígenas já fazem isso há séculos. Não é preciso ter um doutorado para entender como produzir alimentos e sequestrar carbono simultaneamente. Basta ter experiência e conhecimento dos ecossistemas. [O filósofo italiano Antonio] Gramsci os chamava de intelectuais orgânicos. São pessoas cujo conhecimento está incorporado em seu território. É isso que também busco: viajar, aprender e reconhecer que não sei nada. E começar de novo.



Displacement, uma performance coletiva dedicada às consequências das mudanças climáticas relacionadas à água, dirigido por Andrea Conte (Andreco Studio) e produzido pela WeWorld em colaboração com a prefeitura de Bologna como parte do projeto "marchando com o clima", cofinanciado pela Agência Italiana para a Cooperação ao Desenvolvimento © Lapini M. e Panzetti M.

Art for Radical Ecologies Manifesto

1/ Art is part of the world. Art for Radical Ecologies is part of the struggles to change it.

2/ Art is a promise of other worlds, but it is in the actual world that promises must be kept participating in the struggles for its transformation.

3/ New materialism and historical materialism together act against exploitation and domination. Speculation opens up to potential becoming counter-hegemonic social practice, otherwise it is neutralization and capture.

4/ In our current environmental breakdown, the necessary condition for autonomy of art is its autonomy from the neoliberal-extractivist apparatus. Art workers and art institutions must reflect about their positionality and act accordingly.

5/ Art for Radical Ecologies is abolitionist, against police repression, fascism, racism, colonialism and genocide. It is grounded in the voices of the oppressed and is our breath of liberation.

6/ The revolutionary subject is not only human. Transversal and interspecies alliances can powerfully act against ventriloquisms, dualisms, and othering hierarchies.

7/ Art for Radical Ecologies makes visible the human and other-than-human vulnerabilities and precariuosness and takes care of them.

8/ Dismantling the foundations of colonial privilege in this era of environmental and democratic collapse is paramount. Art for Radical Ecologies opens up space against the contention and detention of migrating humans and other-than-humans.

9/ Struggles are interconnected, because so are oppressions. Ideological and material extractivism abusing lives as resources, means or products must end now. In shared life, liberation is total.

10/ End Fossil is the priority. Any complicity with biocapitalism, extractive industry and financial greenwashing in and outside art institutions must end.

11/ Art for Radical Ecologies is either anti-capitalist or it is not. Capitalism is the driver of environmental breakdown. There is no such thing as sustainable capitalism. Technosolutionism and transition reformism are bullshit.

12/ Art for Radical Ecologies stands with technologies that free human and other-than human life and do not perpetuate the exploitation of productive and reproductive labor.

13/ Art for Radical Ecologies is generative yet anti-productivist. It embraces degrowth and multiplies questions, terminologies, connections and scenarios.

14/ Art institutions funded by toxic philanthropy must be abolished. Anti-museums and alter-institutions are the forms that we adopt for common instituent imagination.

15/ As art workers we inhabit spaces of race, class, gender privilege as well as subordination. We stand with those whose freedoms are menaced. We reclaim freedom of speech and stand against censorship.

16/ Dystopia is privilege. Enough with the apocalyptic talk, it's not the end of the world, but of global capitalism and its toxic imaginaries. Art repairs temporalities and liberates futurity, opening horizons beyond capitalist realism and catastrophism.

A Terra tá em transe

@blocodoaguapreta



O bloco carnavalesco **Água Preta** desfila todos os anos em São Paulo ao longo do caminho histórico do Córrego da Água Preta, no bairro da Pompeia, mais especificamente na Vila Anglo Brasileira. Tradicional desde 2013, ele ocupa o sábado seguinte ao Carnaval com uma proposta sensorial ligada à água e à cidade.

O enfoque do bloco é a celebração poética e simbólica das águas, com repertório que traz à tona temas como rios voadores, rios submersos, enchentes, vazantes — tudo isso articulado a um desejo de uma cidade mais acolhedora, “carnavalizada” em sua relação com a água. Em 2024, por exemplo, o bloco lançou o single “Sombra e Água Preta (A Terra tá em transe)”, marcando seu engajamento artístico com essas águas urbanas.

Nas redes sociais, o bloco se autodenomina “o bloco mais molhado de SP”, reforçando sua conexão simbólica com a água e a brincadeira carnavalesca. Além disso, desde 2022, o Bloco do Água Preta “deságua” no Baile na Terra, um cortejo que se tornou parte da programação do festival, funcionando como uma abertura festiva e simbólica de caminhos. As marchinhas são criação coletiva e contam as histórias de um rio que gostaria de chegar ao mar.



2013

mutreta, mutreta
mutreta, mutreta
enterraram o Água Preta
enterraram o Água Preta (bis)

enterraram o Água Preta
cobriram com asfalto
o bairro já esqueceu

hoje eu pulo na sarjeta
e o povo canta alto
“esse rio não morreu!”

se essa rua fosse minha
eu mandava escavar
liberava esse rio
para o meu amor nadar (bis)

o córrego da Água Preta
encontra com o Água Branca
e juntos vão transbordando
no rumo do Tietê

não faz careta
põe a mão na maçaneta
abre o portão
vem pular no Água Preta

2015

Chamada dos Caboclinhos

Eu vou chamar caboclinho pra
beira do rio
Chama Araçariguama, chama
Apinajé
Chama Cotoxó, Tucuna, chama
Caeté
Chama todos os romano
Chama as mina, chama os
mano

Marcha

Tem muita água aqui em SP
É a Sabesp que não sabe o que
fazer
Tem muita água aqui em SP
É a Sabesp que não sabe captar
O Água Preta vai cantar
Pr'essa água aparecer

Tem água pra dedéu
Além da água que cai do céu
Água Espraiada, Água Rasa,
Água Funda
Só não tem água pra lavar a
minha blusa

E o que virá, e o que virá
Das profundezas do volume
morto
Metais pesados, carcaça de
Chevrolet
Mala sem alça, dinossauro,
dentadura
Com essa água não vou nem
lavar meu pé

É claro que eu bebo cloro
E encaro os coliformes fecais
Ai, Água Preta
Volume vivo de muitos
carnavais

2020

Samba

Sereia tem, Exu também
Eu e você no vai e vem
Sereia tem, Exu também
Orangotango até o além

tapioca transcendental
pororoca no Carnaval

esse ano é rio acima
piracema na clandestina

Marcha

Da Floresta da Amazônia
vem chegando a chuva,
carregando nuvens,
sustentando o céu
pra desaguar no mar

Sou água viva sou rio voador (bis)
eu sou um beijo molhado de amor
Vem me pegar nessa massa de ar
Sou água ardente a te incendiar

A terra é redonda redonda redonda
A gente é que é quadrado
A terra é redonda redonda redonda
Tá tudo interligado

Abre a cabeça, tudo é natureza
deixa o rio passar
pro Água Preta transbordar
gostoso, pelo rio acima
o sertão vai virar mar

pro Água Preta transbordar
gostoso, pelo rio acima
Nhanderu no saravá

Pra adiar o fim do mundo
Pra adiar o fim do mundo
te encontro num segundo
Na terceira margem do água preta

2024

Sombra e água preta

A Terra tá em transe
transe, transe, transe, transe
Pode ser que a gente dance
dance, dance, dance, dance

Agora não demora
Agora é contratempo
Amor é mar afora
Amor é rio adentro

Eu quero sombra e Água Preta
Nadar nas águas do planeta
Eu quero sombra e Água Preta
Garrá na raba do cometa

Deixa as águas rolar, pro céu
não desabar
Deixa as águas rolar....

Para! Temperatura subiu
Péra! Bate com a bunda no rio
Pirapora tá na hora
Pula!

Quando a floresta também compõe

@taytabird

NATURE PUNK

E se a natureza fosse também autora? Essa é a provocação sutil e poderosa por trás de **Nature Punk**, álbum do produtor musical Tayta Bird, artista andino que transforma campo sonoro em manifesto ecológico.

Gravado ao longo de trilhas, travessias e imersões nos Andes e na Amazônia, o álbum nasce do encontro entre tecnologias ancestrais e digitais. Os pássaros, as águas, o vento e os insetos não são apenas texturas de fundo – são presenças vivas, captadas com microfones de contato, sensores e outras técnicas de paisagem sonora.

Em Nature Punk, o conceito de autoria se desfaz. A mata respira entre os beats, o canto de um pássaro determina o tom e o ruído de uma queda d'água dita o ritmo. Há faixas em que as batidas parecem emergir do solo, como se fossem feitas por raízes, enquanto outras soam como um ritual eletrônico guiado por espíritos vegetais.

Essa abordagem ecológica da criação musical se ancora num princípio ancestral: o de que o humano nunca compôs sozinho. A cosmovisão que Tayta Bird evoca, presente em muitas culturas originárias dos Andes e da Amazônia, entende a música como algo que passa através, e não que é parte de.



Artigo/ Nature Punk

Apesar do nome, Nature Punk não é uma ode ao ruído, mas à insurgência. A escolha do termo “punk” remete menos a um gênero musical do que a uma atitude ética: fazer arte com o que se tem, contra os modos estabelecidos, a partir das margens.

O álbum é um gesto político e poético: dar ouvidos à natureza como criadora. Mais do que ambientar um som eletrônico, Tayta Bird naturaliza a eletrônica, descolonizando tanto a técnica quanto a estética.

O disco é também um prenúncio. Propõe outras formas de criar e existir em comum com o planeta. Há, em Nature Punk, um sopro de reinvenção: o reconhecimento de que a arte não se faz apenas com ideias, mas com escuta, território e relação. Em tempos de colapso ambiental e hiperprodução de ruído, Nature Punk convida a um tipo diferente de escuta: uma escuta relacional, feita com o corpo inteiro, em que a criação deixa de ser controle e passa a ser comunhão. Como se cada batida dissesse: a floresta tem algo a dizer.

O álbum do produtor andino Tayta Bird dissolve as fronteiras entre criador e criado – deixando que a natureza assumira seu lugar como coautora de cada faixa

